

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL COMISSÃO DE
GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PROJETO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

PRISCILA TAMAR POLETTI

Orientador: CRISTIANO BEDIN DA COSTA

Relatório de estágio como diário íntimo: um artifício de transmutação docente

Porto Alegre, RS

2019

Priscila Tamar Poletti

Relatório de estágio como diário íntimo: um artifício de transmutação docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Cristiano Bedin da Costa

Porto Alegre 2019

CIP - Catalogação na Publicação

Poletti, Priscila Tamar
Relatório de estágio como diário íntimo: um
artifício de transmutação docente / Priscila Tamar
Poletti. -- 2019.
62 f.
Orientador: Cristiano Bedin da Costa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de
Biotecnologia, Licenciatura em Ciências Biológicas, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Diário Íntimo. 2. Formação Docente. 3. Estágio.
4. Educação. 5. Escrita de si. I. Costa, Cristiano
Bedin da, orient. II. Título.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe pelo seu suporte, confiança e apoio.

A todos meus professores da graduação que me inspiram a ser professora. Em especial, agradeço a Eunice, Andreas, Márcio, Russel, Maria João e Paula. Além de serem excelentes docentes, me senti acolhida por vocês durante minha trajetória no curso.

Aos meus alunos dos estágios obrigatórios e do PEAC. Aprendi muito com vocês.

Ao Cristiano, por sua orientação nesse trabalho.

A Bárbara, por estar do meu lado, por seu amor e incentivo durante esse trabalho. Minhas conversas contigo foram fundamentais para a escrita.

Aos meus amigos, Marina e Jordani. Por nossos momentos de leveza durante o caos que vivemos durante o semestre.

Ao Lilo, pelas conversas acadêmicas e não acadêmicas. Por ajudar a me encontrar nesse processo.

Para os meus amigos do PET Biologia UFRGS, a compreensão de vocês durante esse período e suporte que vocês me deram. Aprendi muito com vocês.

A minha família que mesmo longe está sempre pertinho de mim.

Ao Diego e Júlio, por me ajudarem a encontrar a calma nos momentos difíceis.

A Gabi que sempre me deu conselhos ótimos.

Agradeço a todos amigos e professores que contribuíram para esse trabalho.

Resumo

Este trabalho tem como propósito pensar aspectos relativos a formação docente. Para tanto, o diário íntimo é tomado como artifício para a escrita de si e transmutação da identidade docente. Toma-se como material empírico o estágio obrigatório de ciências e o relatório produzido a partir do mesmo. A partir do trabalho reescrita íntima, procura-se dar especial atenção a três afetos: amor, culpa e frustração. Ao longo dos vinte dias compreendidos no diário, constrói-se a ideia da transmutação docente acontecer pela força dos afetos. Em conclusão, percebo a mudança como parte do processo contínuo de me conhecer melhor como sujeito e docente.

Palavras-chave: Diário Íntimo. Formação Docente. Estágio, Educação. Escrita de si.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - O externo dá medo, o interno é oco.....	13
Figura 2 - Identidade Fragmentada.....	23
Figura 3 - Borboleta ou planta?.....	27
Figura 4 – Revestimento.....	31
Figura 5 - Autocrítica destruindo a criatividade do ser.....	35
Figura 6 - Segurando os próprios pensamentos.....	36
Figura 7 - A culpa é azul e vermelha.....	37
Figura 8 - Transbordando frustração.....	42
Figura 9 - O inesperado já aconteceu.....	44
Figura 10 - Amar é crescer junto.....	48

Sumário

Introdução.....	9
Prólogo.....	13
Diário.....	18
Considerações Finais.....	60
Referências Bibliográficas.....	62

transmutação¹
trans·mu·ta·ção
sf

1 Ação ou efeito de transmutar(-se); transmudação, transmudamento.

2 GENÉTICA Processo que consiste na formação de uma nova espécie por meio de uma sucessão de mutações na espécie original.

3 FÍSICA Transformação de um nuclídeo em outro mediante reação nuclear.

EXPRESSÕES

Transmutação alquímica, ALQ: suposta conversão de metais comuns em preciosos, simbolizando a transmutação do próprio alquimista.

transmutação docente

1. Mudar e mudar até não saber o que se tinha no início. Depois da transformação dos elementos é impossível separá-los novamente.

2. Nada se perde na transmutação, o que se tinha no começo se transforma em algo diferente. A gente pode se perder no processo e se encontrar ao mesmo tempo.

3. A transformação da identidade docente depois da aula.

¹Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/transmuta%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em: 17 de setembro de 2019.

Introdução

Minha história com o diário começou quando eu ainda era criança. Escrevia sobre meu cotidiano, desde o que eu tinha almoçado até grandes frustrações que havia vivido. A temática não era única: eu falava sobre a escola, família, férias, expectativas sobre o futuro e tudo que achava importante registrar no papel. O diário foi um lugar de expressão para mim.

Ele é um tipo de documento que se destaca pela pessoalidade. Não é sobre o sujeito adequar sua história para atender as expectativas de um público ou de um certo tipo de discurso. A escrita de um diário é a inscrição do próprio indivíduo no seu relato. Imagens, citações e recortes também são usados como recurso narrativo. Há uma liberdade de expressão no diário justamente por ser a escrita de si para um outro oculto. Não se sabe quem lê o diário e se ele será um dia sequer lido.

Embora esse documento seja feito pelo sujeito, ele reflete o coletivo e vai muito além do individual. As experiências escritas acontecem em um espaço específico e só se pode pensar determinadas ideias porque o tempo e lugar em que se vive permitiu isso. As reflexões do escritor podem ser vistas como particulares, mas também como um dos pontos de vista possíveis sobre o assunto.

Escrever sobre si em um diário íntimo permite um distanciamento da experiência vivida e a inscrição da identidade do autor no papel. Transpor o pensamento em palavras, modifica o próprio pensar e seu escritor.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um 'corpo' (*quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida 'em forças de sangue' (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional. (FOUCAULT, 1992, p.134)

Na aproximação e distanciamento com o que está sendo falado, a escrita transforma continuamente a identidade de seu autor, porque faz parte dele. O diário íntimo comporta uma narrativa mais pessoal: o sujeito está no texto pelo ritmo, nas escolhas das palavras e na perspectiva do que se conta. Há um aspecto ainda mais explícito no qual o sujeito aparece no diário: ele é a própria história que está sendo

contada.

Há no escrever um reter as palavras, como no falar há um soltá-las, um desprender-se delas, que pode ser um ir desprendendo-se elas de nós. Ao escrever-se, retêm-se as palavras, tornam-se de quem as escreve, sujeitas a um ritmo, seladas pelo domínio humano de quem assim as maneja. (ZAMBRANO, 2010² apud A RUA, 2010)

Neste trabalho, o diário íntimo é usado para narrar a experiência do estágio docente em ciências. Não é um relato neutro e distante sobre o período e sim uma inscrição da minha identidade docente através da escrita. Ao descrever uma experiência tão pessoal e subjetiva, assumo o papel de sujeito da história. Escolhi esse posicionamento por acreditar que a escrita seria assim “uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a ‘Outra’, mas sim eu própria” (KILOMBA, 2019, p. 27). A escrita é vista aqui como um ato político porque ao contar a minha história, eu descrevo a realidade da qual me vejo como participante.

O tema do diário íntimo é o estágio docente em ciências que foi realizado no primeiro semestre de 2019, sendo o mesmo de caráter obrigatório para os estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas. É o momento em que, finalmente, o futuro professor vai para a sala de aula como docente. Ainda que haja o suporte do orientador de estágio, é muita vezes a primeira vez que esse aluno-professor está sozinho em sala de aula. É uma experimentação da identidade docente formada durante a vida e que está em constante transformação. Ao ter contato com o contexto escolar, existe um tensionamento na identidade do estagiário, pois ele precisa se adequar às demandas exigidas por essa realidade. Ocorre uma movimentação de expectativas e frustrações no imaginário do professor enquanto as aulas ocorrem. O que é vivido na escola pelo estagiário pode ser muito diferente do que era imaginado. Assim, o estágio contribui para a formação da identidade docente como um exercício prático da profissão.

No período de regência, um relatório foi elaborado. Nesse documento anotei o planejamento dos dias, o conteúdo que seria abordado e um relato sobre o que acontecia durante as aulas. O relatório foi entregue como parte da avaliação do estágio. A perspectiva do que foi contado nele, entretanto, era mais centrada no questionamento das atividades planejadas, se funcionaram (ou não) com os alunos.

2 ZAMBRANO, María; BENTO, José. *A metáfora do coração e outros escritos*. Assírio & Alvim, 2000.

Escrevi um diário íntimo baseado no relatório de estágio com o objetivo de inscrever minha identidade docente no papel, transformando-a por meio desse processo de reescrita, ao usar uma abordagem pessoal e voltada para os afetos. Esse trabalho utiliza as duas narrativas: a introspectiva e a criativa e poética. Na narrativa introspectiva o relato é voltado para os pensamentos, sentimentos e vivências do escritor. Já na narrativa criativa e poética, o foco é imaginar e recriar as situações que estão sendo contadas no diário (ZABALZA, 2007, p. 15).

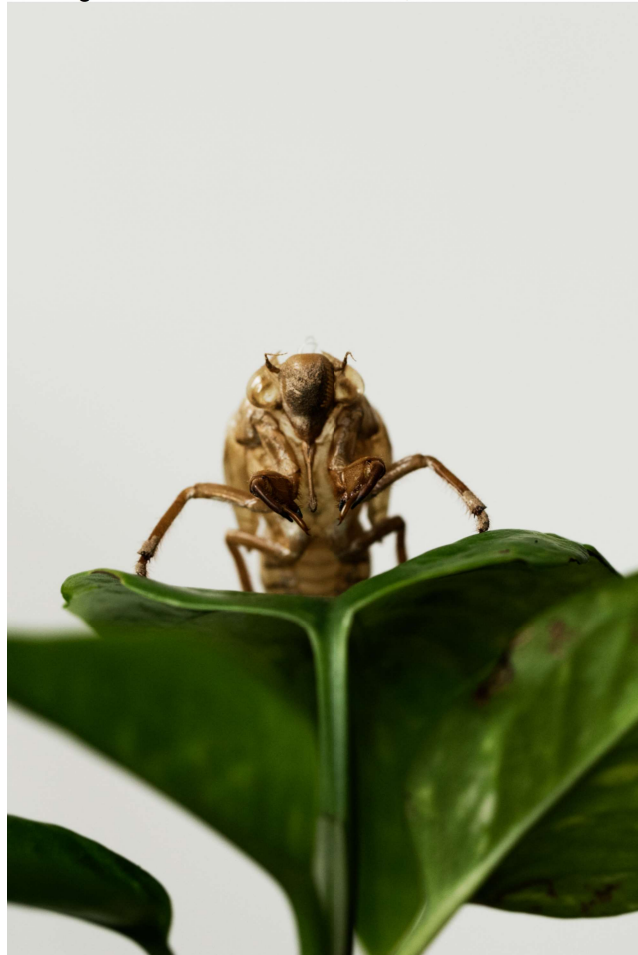
Nos 20 dias registrados, a escrita é acompanhada de imagens, diálogos, recortes de conversas e referências a outros autores. Do primeiro ao último dia, é possível acompanhar o processo de transmutação docente como algo fragmentado e contínuo, o que não é sinônimo de linearidade. No término dos dias, o que fica não é uma identidade docente pronta, lapidada, mas sim o registro da transformação que aconteceu durante a produção textual. O que une esses dias, criando uma linha condutora entre eles, é como os afetos foram sentidos por mim enquanto professora. A culpa, o fracasso e o amor foram escolhidos como os sentimentos principais do estágio. As emoções no contexto escolar podem influenciar na dinâmica de interações entre alunos e professor. Conforme Maturana (2002):

Para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações. (MATURANA, 2002, p. 66)

Investiguei como os sentimentos escolhidos surgiram e se expressaram em mim. Antes do diário íntimo, o prólogo fala sobre as primeiras impressões do ambiente escolar, durante as observações exigidas como requisito para o estágio. Em seguida, é apresentado o próprio diário íntimo em que inscrevo minha identidade docente baseada na prática docente documentada no relatório de estágio. Os sentimentos e afetos aparecem durante os dias, definidos por mim e relacionados com outros autores. Para o fechamento deste trabalho, encerro com as considerações finais discutindo algumas percepções sobre o diário íntimo.

Prólogo

Figura 1 - O externo dá medo, o interno é oco



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Passo pelas grades da escola, sentindo que minha pele está sendo arrancada. Colocada em um cabide, minha epiderme ficou pendurada no portão de entrada. Me sinto completamente exposta, meus nervos sentindo cada vibração desse lugar. Mas, logo eu, nunca pensaria que estar vulnerável seria meu superpoder num ambiente que tudo é feito para o não-sentir.

Entre as grades, cadeados e portões que mantêm a escola hermética, me questiono: existe um monstro preso ali dentro? Essa exagerada segurança cria uma atmosfera de desconfiança. Há ainda o guardião das chaves que vigia a entrada e saída de todos. Ele anda imponente de um lado para o outro, tal qual um querubim que com suas asas afasta quem fica nos corredores. Quando eu apareço, ele estava

gritando com alguns dos pequeninos. O som das chaves que balançam no seu bolso lembram que ninguém sai ou entra em qualquer lugar por lá sem seu consentimento.

Eu, a inofensiva estagiária que precisa urgente da prática docente para se formar, posso entrar, é claro. Logo constato a falta de ar nesse ecossistema sufocante, entretanto todos da escola parecem adaptados de um jeito ou outro às condições adversas do lugar. Circulando pela sala dos professores e corredores, percebo que muitos deles possuem exoesqueletos resistentes em substituição de uma derme exposta como a minha. Imagino que ao longo dos anos fosse inviável sentir tanto em um lugar tão hostil. A armadura de quitina é imune a qualquer ataque externo e mantém de pé quem trabalha ali todos os dias, em meio a seca e ar rarefeito. Por mais que o exoesqueleto proteja o ser que o habita, o preço pago é ficar impermeável ao externo; é seguro, mas o crescimento é limitado ao que sua estrutura suporta.

Observar e punir-se

Entro na sala de aula e vejo minha turma. Meus futuros alunos. Eu sei da posição de poder que o professor tem só pelo pronome possessivo “meus” antes de alunos. Claro, os muitos textos lidos e discussões sobre o tema durante a graduação me trouxeram a consciência desse papel.

Os alunos estão todos acomodados, curiosos com minha presença. Eles vêem que eu não estou impermeabilizada como os outros professores e funcionários.

“Ih, somos a pior turma. Como que colocaram tantos estagiários na nossa turma, eles vão tudo desistir de ser professor. Tu vai desistir de ser professora!” – diz Corvina. Não sei como tinha ocorrido o concurso para o posto, mas algum critério e alguém decidiu que eles todos juntos eram a pior turma.

“Fica tranquila que eu não vou desistir não”. Minha seriedade ao afirmar que não desistirei pode ser confundida com medo. Eu quero deixar evidente que não estava ali para desistir. Muitos momentos sinto que me olhavam como se a falta daquele exoesqueleto me fizesse fraca para permanecer naquele ambiente.

Grita, grita estrelinha.

“VOCÊS PARECEM CRIANCINHAS, VOCÊS QUEREM SER CRIANCINHAS?” – berra a professora.

“Ainda bem que não sou criancinha, deus me livre” – responde Nara.

Quando começo a observar as aulas viro sombra. Estou presente na sala de aula, embora nem sempre sendo vista pelos outros. Os gritos infindáveis da professora me fazem crer que meu crânio rachará a qualquer momento. Por mais que eu observe e olhe para esse ambiente, nada justifica essas agressões (e tem agressão justificável?).

Lino – aquele amigo imaginário que vive dentro de mim – se materializa na minha frente e questiona “Quanto tempo até irmos embora? Essa gritaria já devia ter acabado”. Eu prometo a ele que sairei se ficar insuportável. Ainda bem que posso me levantar e sair pela porta a qualquer momento, não é? E os alunos? Como eles aguentam ficar até o final da aula sem poder fugir?

Meu amigo me lembra que a escola é um lugar onde se passa muito tempo. Entre memórias muito boas e outras muito ruins, milhares de momentosagridoces são presenciados. Se para alguns estudantes estar naquele espaço era angustiante, para outros, era melhor do que não estar lá.

O Polvo Invisível

A chamada é feita pela professora. Todos alunos respondem, exceto o polvo invisível: um aluno fala por ele e garante sua presença na sala de aula. Minha conclusão é que ele é invisível boa parte do tempo. Mas não porque ELE está se escondendo e sim porque os OUTROS não o querem ver. O polvo não está se camuflando, é o ambiente onde ele se encontra que anula sua existência.

Ele não copia o que é passado no quadro, está sentado balançando as pernas e olhando para as janelas. Passa uma hora e ele continua nessa mesma posição. A professora finalmente enxerga ele e vai até sua classe, passa a tarefa de matemática. Me alertaram que o polvo tem Transtorno do Espectro Autista (TEA):

“Ele não conversa com ninguém tá? Só com a professora da sala de recursos e com a família. Sei lá, não tem muito o que fazer não”.

Pelo que eu estou vendo das aulas, as professoras dão uma aula expositiva em que se copia matéria do livro e após todos terminarem se passa a tarefa para o polvo. Ele só fica visível nas janelas de tempo em que se precisa pedir para que a lição seja feita. Resolvo me arriscar e pedir para ele me mostrar seu caderno. Ele atende ao meu pedido. Vejo que tudo está bem escrito, a matéria parece em dia.

A inclusão de pessoas com deficiência nas escolas públicas de ensino regular é uma conquista porque o aprendizado consequente vai para além do aluno: os colegas também aprendem convivendo com maior diversidade. No caso do TEA, o estudante pode desenvolver melhor suas habilidades sociais e adquirir maior autonomia.

Essa inclusão depende muito da intermediação dos professores e da escola dar acolhimento necessário além de uma profissional que esteja a disposição. O contexto atual das escolas públicas é delicado: professores que têm salários constantemente ameaçados e os recursos para a instituição vem sendo diminuídos³. Compreende-se que é muito estressante viver num ambiente de trabalho tão instável.

Mesmo sabendo de tudo isso, eu não consegui conter a mais pura RAIVA e sensação de INJUSTIÇA ao ver um aluno ser completamente ignorado quando todas as atividades não eram inclusivas com ele. Pior do que isso, ouvir piadas sobre “autismo” feitas pelos seus colegas, como se isso fosse um sinônimo de ser burro. E os professores alheios a isso.

Eu gritei: TEM UM POLVO AQUI NO MEIO DA SALA DE AULA, VOCÊS ESTÃO VENDENDO? Mas ninguém ouviu porque eu também tinha ficado invisível naquele momento.

³<http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/noticias/acontece/parcelamento-dos-salarios-desorganiza-economia-familiar-de-servidores-publicos-no-rs/> Acesso em: 28 de novembro de 2019
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/05/02/em-4-anos-brasil-reduz-investimento-em-educacao-em-56.htm>. Acesso em: 28 de novembro de 2019.

"Para fazer um novo mundo, você começa com um antigo certamente. Para achar um mundo, talvez você precise ter perdido um. Talvez você precise estar perdida. A dança da renovação, a dança que criou o mundo, sempre foi dançada nas bordas das coisas, no limite, na costa enevoadas".

Ursula K. Le Guin

Dia 20

Libertação.

Não sei como você sobreviveu a tudo isso – ele me disse enquanto tirava o lixo grudado da perna.

Na verdade, nem eu sabia que havia sobrevivido a aquilo. Mas foi quando eu voltei que percebi: era só lixo e chorume. O ar tóxico que me fazia agradecer por não ter que respirar através da pele. Eu precisei retornar para ver que estava longe de ser casual o que tinha acontecido.

Cortei os cabelos, tomei um longo e bom banho. Eu sabia que tinha eliminado uma parte da pele morta que estava em mim, me sentia renovada, leve. Coloquei um vestido soltinho, daqueles que tem que cuidar porque o vento levanta ele inteeeeiro e a bunda fica a mostra no meio da rua. Estava pronta para ir embora do lugar que vivi por anos. Na portaria, obtive o passe de liberação. Mas foi lá que lembrei: tem algo que deixei para trás e não posso ir embora sem buscar.

Eu não fui sozinha, aquele meu amigo sumido surgiu para me acompanhar. Cheirosa e de pés descalços eu não estava pronta para caminhar no meio do aterro sanitário. Desde quando aquele caminho para o passado tinha se transformado em mau cheiro, restos de comida e decomposição?

Não tinha opção, hora ou outra eu ia ter que voltar para buscar aquilo que me faltava. Então lá fui eu pisando naquela gosma nojenta que impregnou meus pés limpos. Esperava pelos cacos me machucarem a qualquer momento ou uma agulha me espetar. Achei que ia desmaiar com o odor de podre, mesmo respirando pela boca. Meu amigo estava mais preparado que eu, usava algumas roupas grossas e me ajudava a não afundar na lama imunda.

Certo momento meus pés sentiram algo pegajoso subindo até as canelas, esfriando e formigando onde encostava. Pensei que não sobreviveria e decidi sucumbir. Será que meu lugar não era ali? Quem eu estava enganando, um banho e um corte de cabelos não me faziam menos imunda. Eu sempre havia me sentido uma impostora fingindo que aquele aterro não fazia parte de mim. Secretamente eu sabia que me sentia mais pertencente a ele do que a qualquer outro lugar.

“Não sei como você sobreviveu a tudo isso”: eu ouvi bem longe e distante, mas ouvi. Aquelas palavras me fizeram acordar. “Eu estou viva, eu consegui resistir a tudo que aconteceu. Esse lixo é parte do que eu vivi e não o que eu sou.”

Aos poucos fui me libertando do que me prendia aquele lugar e decidi voltar. Não importava mais o que havia sido esquecido lá trás, eu não precisa mais buscar o que quer que fosse. Enquanto retornava para saída, eu ainda sentia vontade de abraçar aqueles entulhos ao meu redor e gritar para as moscas se abrigarem no meu corpo.

Segui em frente, forte, inabalável. Eu era uma das filhas de Ló, sabendo que nas suas costas a antiga morada pegava fogo, entretanto sem poder olhar para trás. Assim como elas, eu não queria virar uma estátua de sal. Na minha memória, uma lembrança pulsava me movendo para frente. Embora pertencia aquele passado do qual eu ia me afastando, me motivava a ir embora.

Foi assim que eu aceitei o grande aterro que vivia em mim e pude ir para novos lugares, viver uma vida com menos culpa. Sai pela portaria, dessa vez sem roupa alguma.

Completamente nua para a nova vida.

Dia 1. Horário: 4 am.

Eu só queria dormir. Mas a ansiedade em dar aula amanhã não me deixa relaxar. Eu já planejei tudo: o tema da aula, as dinâmicas para conhecer melhor os alunos e o tempo necessário. Parece que falta algo, eu posso ter esquecido de alguma coisa que fará com que tudo dê errado amanhã.

Querida conhecer a turma e conseguir entender o jeito que eles funcionam. Espero que possa cativar o interesse deles. Preparei dois bolos de chocolate que servirão de analogia para conteúdo da aula. Imagino que o lanche possa ajudar a criar um clima mais agradável na sala.

Eu quero mostrar meu amor, meu afeto a eles e deixar eles perceberem que existe uma outra pessoa dando aula para eles que também sente coisas. Eu quero ser sincera e ter confiança neles. Por mais que seja difícil.

Meu desejo pra esse estágio é que eu possa criar laços com os estudantes e descobrir de onde vem a força deles para resistir a esse ambiente que pode ser inóspito em certos momentos.

Continuação do Dia 1. Horário: 19 pm.

Eu não dormi de verdade, tudo bem. Corri e corri, tomei muito café e dei a primeira aula. Eu só queria dizer que:

TRÊS PERÍODOS É MUITO TEMPO!

Eu não imaginava que duas horas e meia de aula fosse tanto tempo. Depois de ter feito tudo que eu havia planejado para o dia, eu olho para o relógio e é apenas o segundo período de aula. Restava mais um período e eu não tinha mais nada planejado. Minha ilusão de controle da situação gerada pelo planejamento foi por água abaixo nesse momento. Eu me virei, porque é claro que dá pra dar um jeito. O mais cômico foi que os alunos perceberam meu descompasso com o tempo e me acalmaram: “*sora*, relaxa, descansa um pouco aí. É bastante tempo três períodos”. Sai com a impressão de que não tinha feito o meu melhor. Estava exausta.

Dia 2.

Ontem, quando me apresentei para os alunos, falei que eu era do interior, de Guaporé. Corvínea me perguntou: “mas tu não sente falta da tua casa, da tua mãe? eu acho que não conseguiria ficar longe da minha mãe e da minha família”. Não estava preparada para ouvir algo tão direto. Acho engraçado que quando a gente ouve essas perguntas muito pessoais & inesperadas o cérebro congela.

“Olha Corvinea, tem uns dias que eu penso que queria voltar a ser criança e não ter que lidar com essa realidade do presente e decidir coisas por conta própria e sentir essa inquietação e agonia que é viver num lugar onde todo mundo mora longe de todo mundo. Às vezes quero sim viver naquele mundinho em que tem mato nos fundos da minha casa, um pé de pêssego, de figo e guabiju. Mas eu também fico feliz que não preciso mais viver naquele lugar e que posso exercer minha individualidade de um jeito mais seguro sem precisar me preocupar tanto. A nostalgia é um ponto de vista bem duvidoso. Entende?”

As palavras que saíram da minha boca foram: “Ah, a gente acostuma. E morar sozinha também tem suas vantagens”. Mas Corvínea é muito esperta e percebeu minha hesitação, talvez tenha ouvido alguns daqueles pensamentos.

Fiz duas brincadeiras para descontrair e conhecer melhor cada um deles. Conversei com o polvo, expliquei a brincadeira e disse que ele poderia participar se quisesse. Uma delas envolvia falar sobre um colega, então ele não quis contribuir, imagino que seja porque ele não se sente bem em falar em sala de aula. Eu olho pra ele e sinto que ele me entende enquanto falo. Na última observação antes de começar a dar aula, eu olhei nos olhos dele e disse: “eu vou ser tua professora de ciências, tá bom?”. Ele concordou com a cabeça dizendo sim.

Dia 3.

Uma identidade docente baseada em pensar demais.

Uma identidade docente baseada em se identificar com os alunos.

Uma identidade docente baseada em algumas identidades docentes baseadas em mil identidades docentes.

Um as identidades docentes baseadas em não se identificar.

Um as identidades docentes baseadas na força do ódio.

Um as identidades docentes baseadas na força da memória afetiva e do amor.

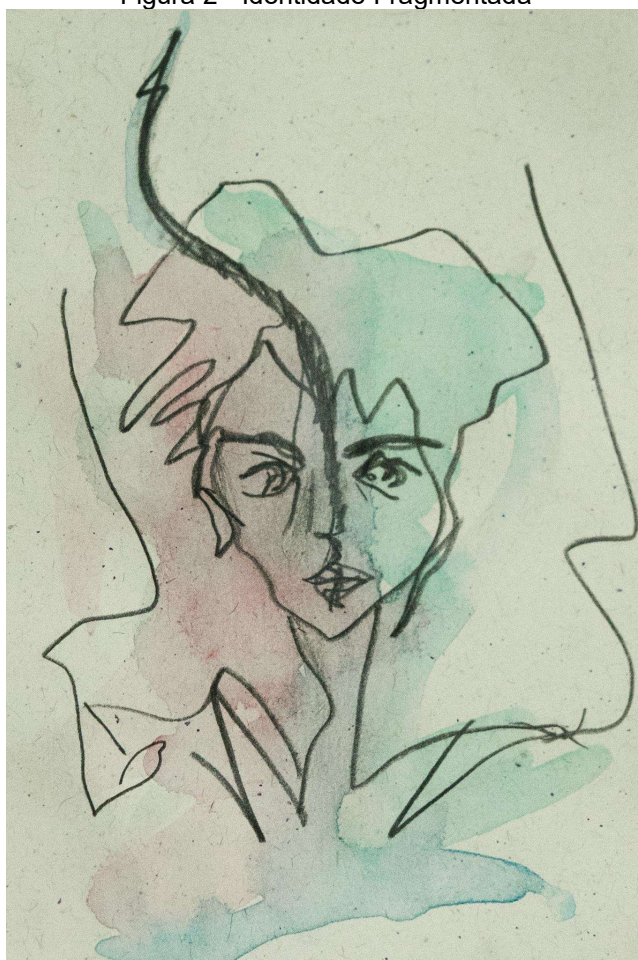
Quem sou eu e por que eu estou aqui?

Essa resposta às vezes é a mesma.

Será que eu estou mudando ou é o que está ao meu redor que nunca é o mesmo?

Eu posso mudar?

Figura 2 - Identidade Fragmentada



Fonte: Elaboração pela autora (2019).

Dia 4.

Brincadeira quebra-gelo (aquele gigante *icerberg* que fica entre o professor e a turma no primeiro dia de aula):

Todos fazem uma roda. A pessoa que inicia a brincadeira diz algo que gosta ou não gosta e dá um passo pra dentro da roda. Quem concorda com aquilo que foi dito também entra na roda. A pessoa ao lado da que iniciou continua a brincadeira.

“Eu odeio pudim”, eu disse. *Sim, Priscila, começa pelo ódio, é mais fácil né?*

Alguns entraram, a Cecilia disse que odeia pudim. Saul discordou e comentou:

- É, sora, mas acho que tu nunca deve ter provado pudim de pão, né. Esse sim é bom.
- Nunca provei, não.
- Sim, né, é porque é coisa de pobre e tu não é pobre.

Nesse momento entendi que diferente do que percebia em alguns, Saul não se identificava comigo. Ele me respeitava, mas existia uma distância entre nossas histórias de vidas que não permitia uma identificação dele comigo. Das frases que surgiram durante a brincadeira, achei inesperadas as seguintes:

“Eu adoro Karl Marx”.

“Eu odeio os bolsnominions da outra turma”.

“Eu gosto de ir pra aula”.

Nessa última frase, todos entraram na roda. Eu fiquei sem entender: **TODOS GOSTAM DE IR PRA AULA?** Não conseguia acreditar. Eu vi como eram as aulas! Mas era meu ponto de vista. Queria saber como eles conseguiam gostar de ir para aquele lugar, em que o tempo parecia passar tão devagar. Pedi para me explicarem. Antônio disse: “ai, sora, eu gosto de ir pra aula porque tem meus amigos aqui”, a maioria dos alunos concordou com ele.

Bom, que tédio ter que falar de átomos e ligações químicas. Esse é o conteúdo designado para meu estágio. Eu não tenho formação em química, só que tenho que dar aula de química. O que aprendi na graduação sobre ligações iônicas,

covalentes e de hidrogênio, foi o suficiente para entender como as coisas funcionam na biologia e passar na disciplina. Não aprendi a ensinar. É um mundo invisível.

- Bom dia, alunos, vocês já se questionaram sobre a existência do mundo invisível dos átomos?

Não só os átomos são invisíveis: perceber onde o ensino de questões operacionais se encaixa no cotidiano se trata de enxergar um propósito oculto. Porém o invisível pode torna-se visível. Através de “processos de ensino-aprendizagem mais significativos e produtores de criatividade e construção de sujeitos de direito, tanto no âmbito pessoal como social” (CANDAUI, 2016, p. 303). Para por isso em prática, primeiramente devo reconhecer meus alunos como sujeitos, indivíduos que têm identidades plurais.

A linguagem e propostas de atividades devem ser diversas a fim de contemplar a heterogeneidade presente em sala de aula. Eu ouvi alguns fragmentos das histórias de vida dos meus alunos durante as observações.

- Meu pai paga R\$ 400,00 de pensão pra mim, enquanto minha irmã que mora com ele estuda no Colégio Particular-Super-Caro-de-Porto Alegre. E eu estudo aqui, né?
- Essa escola é um lixo. Tem cheiro de lixo.
- Eu acho que merenda da escola é muito boa sim, tá? Mesmo que seja só suco e bolacha é melhor do que nada. É melhor do que passar fome.

Algumas das frases que ouvi me deixaram com um nó na garganta. Eles têm trajetórias de vida bem diferentes. Cada um deles tem potencialidades únicas. Cabe a mim oferecer espaço para que elas sejam exploradas. Por isso, conseguir contemplar a todos os interesses em três períodos de aula consecutivos falando sobre átomos parece um desafio.

Levei dois bolos de chocolate justamente para me aproximar da turma, sem deixar de lado o assunto da aula. A magia em fazer um bolo dar certo é química, está nos átomos, nas reações químicas. Passei a receita do bolo que fiz. Questionei se o açúcar que foi usado no bolo poderia ser separado dele agora. Todos pareciam intrigados com o clima de incerteza no ar. Aqueles alunos que nas observações me pareciam entediados agora estavam vivos, falando suas opiniões sobre a pergunta. Fiquei muito feliz, senti uma conexão com eles naquele momento. Acredito que as

brincadeiras também contribuíram para que eles se sentissem mais à vontade.

O Polvo permaneceu em seu lugar sem falar. Ele estava atento ao que acontecia ao redor. Comeu seu pedaço de bolo e copiou o que estava no quadro. Falei com ele enquanto os outros estavam fazendo as tarefas que eu tinha passado. No questionário de sondagem que passei para saber os interesses pessoais dos alunos, o Polvo respondeu tudo e apontou uma dificuldade em entender o conteúdo de ciências.

Quando acabou a aula, os estudantes saíram para o recreio. Eu falei para o Polvo que ia trazer mais atividades que fizessem com que ciências fosse mais fácil. Ele concordou novamente. Saí exausta e feliz da aula. Que cansaço bom!

Dia 5.

Figura 3 - Borboleta ou planta?



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Sabe aqueles momentos em que você ouve uma coisa e não consegue entender direito o que tá sendo dito? Como se a pessoa que está falando estivesse em câmera lenta? Foi isso que aconteceu comigo quando Girassol, no final da primeira aula, me perguntou: “prof, a senhora prefere planta ou borboleta?”. Não entendi direito, mas respondi: “olha, eu amo muito plantinhas e borboletas, mas prefiro borboletas”. Lembrei novamente do exoesqueleto que todos tinham naquela escola, do meu corpo exposto e em transformação. Eu sou uma lagarta-borboleta.

Prontamente Girassol me entregou um desenho da borboleta, dizendo “Desenhei pra ti, é um presente! Até a próxima aula”. Agradei. Fiquei boba. Não sabia direito o que tinha acontecido. Como assim no primeiro dia de aula eu ganho um desenho de presente? Relembro disso e ainda fico meio sem reação. Tudo indicava que ia demorar para eu notar qualquer sinal de afeição daquela turma. “A pior turma da escola”. Como alguém tinha ousado falar isso deles?

Receber essas demonstrações de carinho é muito gratificante. Me faz pensar

que algo naquela aula deu certo. É um pouco desconfortável na hora. Porque questiono se eu mereço aquilo. Eu mereço receber aquele amor? Não é uma brincadeira de mau gosto? Essas perguntas são feitas por uma voz bem baixinha que se manifesta lá no fundo da mente. Depois de ser calada, consigo ver as coisas com maior entendimento.

Eu nunca vou esquecer desse dia. Girassol descobriu que eu sou uma borboleta e eu descobri que ele é um Girassol.

Dia 6.

Estou preparando minha aula para amanhã. Fico pensando nos acordos feitos na aula anterior. Me deixa satisfeita lembrá-los. Falei sobre respeito mútuo.

Respeitaaar e ser reeespeitada e respeitadoo.

“Claro, claro, meus queridos alunos gostaria que vocês se respeitassem entre si.”

Não fizessem piadas sobre autismo quando tem um colega com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na sala. Não falassem banalmente sobre estupro. Não rissem toda vez que o colega erra, fazendo piadas sobre ele ser burro.

“Mas eu queria também avisar vocês: eu quero respeitá-los. Quero mostrar a toda e qualquer oportunidade como vejo vocês: estudantes, sujeitos que devem ser tratados com cortesia. Vocês tem uma voz, esse espaço é para ouvir essa voz. Mas devo lembrá-los: sou também um sujeito, uma pessoa. Tenho sentimentos e gostaria que eles também fossem na medida do possível respeitados. Quando vocês fazem piadas diminuindo os colegas de vocês, isso pode parecer inofensivo, mas é também desrespeitoso, com o colega e comigo.”

- Ah mas *prof*, aqui a gente se trata assim sabe? A gente faz piada mesmo, ninguém fica magoado! Nem se preocupa!

“Pois é. Só quero refletir com vocês: como saber se ao chamar o colega de algo ofensivo, mesmo que na hora ele esteja rindo, no íntimo ele não acredita que aquilo é verdade?”

- É, não tem como saber.

“A nota de participação vai ser considerada pensando justamente no respeito mútuo. Respeitar o outro é também um jeito de participar ou não da aula. A desconsideração pelos colegas ou comigo, reduzirá a nota de participação. Cooperar com os outros aumentará essa nota.”

O controverso aparece no meu discurso. Quero dar voz aos estudantes, mas não quero ouvir ou ver certas práticas de desrespeito. Não posso ser alheia à violência em sala de aula, mesmo sendo simbólica. Eu sou responsável por não permitir que isso aconteça. A mudança não vem em um dia, em uma aula, obviamente. Vou exercer meu papel de mediadora para ver essa mudança nos seus

comportamentos. Estou aqui para isso. As reações químicas vão acontecer, em mim, neles, na escola, em todos nós.

Preparo aqui minha aula. Vou levar recursos visuais para verem o invisível que há neles mesmos. Estou insegura na escolha do vídeo. E se eles acharem ridículo? Brega? Prefiro correr o risco e mostrar o que os olhos não enxergam.

Dia 7.

Figura 4 - Revestimento



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A criança curiosa, olhava sem piscar para seu braço. Quase não enxergava mais nada, seu rosto estava a poucos centímetros do membro observado.

“Eu vou conseguir ver sim, eu sei que se me esforçar mais um pouquinho, vai dar!”, pensava enquanto lacrimejava por não piscar a muito tempo. Então a garota notou aquelas linhas finas na sua pele. “Será que é isso? Acho que sim! Finalmente achei!”, comemorou ela. Porém, aquilo não era o que ela estava procurando.

A criança imaginava estar olhando para as células de sua pele. Ela deduzia que as linhas na sua epiderme seriam as células. Estava enganada porque não é possível ver a olho nu algo tão minúsculo. A menina não sabia dos limites do que é (in)visível. Mais tarde, na escola, aprendeu sobre a escala dos organismos. Mas ela queria tanto ver células, bactérias, vírus, as coisas do ar, da água.

“Por que não dá pra ver com os próprios olhos? Deus não quis? Por que eLe não quer que a gente veja o invisível? É frustrante, eLe vê tudo, inclusive o que nós fizemos, mas nós não podemos ver o que há em nosso próprio corpo? No ar que respiramos? Injusto”, resmungava a criança.

Objetivo da aula: ensinar isótopos, isóbaros e isótonos.

Por quê? Por que ensinar isso, por que aprender isso?

Olho para o livro didático e a definição que ele me dá é a seguinte:

Isótopos são átomos com mesmo número de prótons, mas com diferente número de massa e nêutrons.

Isóbaros são átomos com mesmo número de massa, mas com diferente número de prótons.

Isótonos são átomos com mesmo número de nêutrons, mas com diferente número de prótons e massa.

E daí? Por que alguém tem que decorar isso?

Não sei se entrei numa crise existencial ou se esse conteúdo é apenas descontextualizado mesmo. Será que só estou desiludida com meu curso? Opto por passar no quadro o conceito amplo, porém foco nas situações do cotidiano em que ele é visto. Estou sendo utilitarista? Provavelmente.

Todos copiam as informações do quadro. Mateus, Luis e Saul resistem à tarefa. Minha promessa de que haverá uma atividade na sala de vídeo motiva os alunos a terminarem a atividade. O Polvo me mostra seu caderno exemplar. Elogio seu comprometimento, faço isso também com os demais da turma.

Na sala de vídeo é onde a magia acontece. A gente sai da sala de aula e os estudantes se transformam. Quando eles passam pela porta já não são mais os mesmos. Chegam animados no novo ambiente, cheios de energia. Eu começo contando a história da criança curiosa com sua pele. Eles dão risada, alguns se identificam com ela. Faço eles imaginarem que estamos entrando numa nave viajando em direção ao mundo invisível: vamos ver além do limite dos olhos.

Mostro várias fotografias de grãos de areia, água e estruturas moleculares ampliadas. Eles tentam adivinhar o que é, ficam surpresos aos descobrirem a resposta. Na fotografia da água, percebem a existência de protozoários e microorganismos.

Cecília exclama: “Que nojo”. Luna complementa a colega: “Eca, eu não bebo mais água então”. Nara tenta explicar a elas “Ué, é normal a água ter essas coisas”. Os grãos de areia surpreendem por sua beleza. Quem iria imaginar as cores lindas presentes neles?

É o momento de entrar na nave novamente através do vídeo “a escala das coisas”. Ele mostra as diferenças de tamanho entre coisas visíveis (como nós

humanos, pedras, animais) e microorganismos, células, moléculas, finalizando com o átomo de carbono, elétrons, prótons e quarks. Enquanto o vídeo ia passando, eu questionava os estudantes sobre seus conhecimentos acerca daqueles organismos. Saul ficou deslumbrado ao terminar a exibição do material. Ele pediu para mostrar novamente. Ficou empolgado, me pediu para lhe passar o *link*. Fico contente pelo resultado: Saul está interessado no assunto da aula. Minha autoestima enquanto professora dá pulinhos de alegria.

Escolhi o vídeo porque queria incluir Polvo na aula. Na semana passada, ele copiou em seu caderno o que foi solicitado e participou da confraternização de início. Meu objetivo era que ele pudesse ter uma chance mínima de se interessar pela aula. Como eu não conhecia Polvo (assim como seus professores, aparentemente), busquei orientação na sala de recursos com a psicopedagoga. Ela me deu várias dicas, contou um pouco da história dele e me incentivou a usar uma linguagem mais visual. A orientadora me explicou como elaborar exercícios para o estudante conseguir compreender melhor a questão abordada. Polvo conversa somente com ela e seus familiares. Mesmo com a psicopedagoga, ele só dá continuidade ao diálogo se estão sozinhos.

Quando se fala de inclusão, muitos imaginam tarefas diferentes para os alunos a serem incluídos e atividades convencionais para o resto da turma. É incentivado também fazer aulas inclusivas a toda turma. Se eu acrescentar recursos visuais (na ausência de alunos com deficiência visual) para apresentar um conteúdo, algum aluno terá prejuízo no aprendizado? Possivelmente não. Quanto mais diversa for a minha aula, maior a chance de eu conseguir incluir os alunos nela.

Polvo estava atento ao vídeo durante a aula. Não pude avaliar o quanto ele havia compreendido de tudo. Os outros estudantes gostaram muito de ir para um novo ambiente com outras mídias. Vários deles expressaram isso.

Quando o sinal bateu para o recreio, Girassol quis conversar comigo:

“Professora, queria te mostrar o bolo que eu fiz. Eu nunca tinha cozinhado antes, resolvi tentar fazer a sua receita de bolo. Deu certo! Olha a foto dele! Minha mãe me ajudou, mas eu fiz tudo sozinho! Se quiser, pode trazer mais receitas!”

Elogiei a conquista de Girassol, prometi levar mais receitas.

As vezes eu esqueço das inesperadas coisas maravilhosas que podem

acontecer. Essa foi uma delas.

O inesperado nem sempre é uma surpresa ruim.

O inesperado nem sempre é uma surpresa ruim.

O inesperado nem sempre é uma surpresa ruim.

O inesperado nem sempre é uma surpresa ruim.

O inesperado nem sempre é uma surpresa ruim.

Tá?

Dia 8.

Cara Priscila,

Se você não pegar mais leve nas críticas, fica difícil fazer qualquer coisa. Eu estou desmotivada. Nada do que eu faço parece ser suficientemente bom para você. É só um estágio, minha querida, o que você espera? Relaxa aí um pouco. A próxima aula talvez não mude a vida dos estudantes e tudo bem, ok? Você não vai ter grandes ideias geniais sozinha, estressada e cansada. Deixa um pouco da magia para o momento também. Os alunos são parte da aula, a responsabilidade é tua, mas tu não está só. Tua orientadora está te ajudando!

Eu sei que está complicado lidar com os últimos acontecimentos. Por isso mesmo te digo: vai com calma na autocrítica. Nós vamos conseguir fazer um trabalho bom. Não é a primeira vez que passamos por problemas. Sobrevivemos, não é? Estamos vivas e lutando. Confia em nós.

Figura 5 - Autocrítica destruindo a criatividade do ser



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

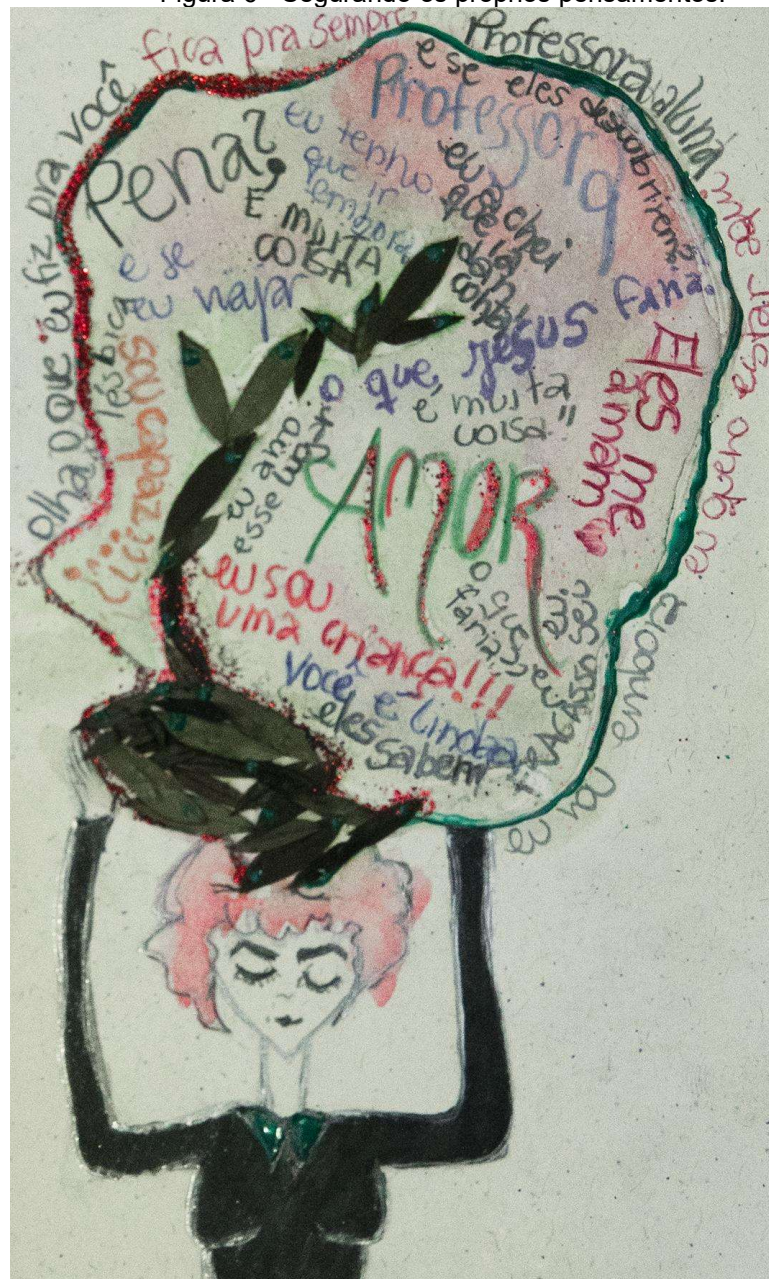
Dia 9.

Difícil é ter pensamentos tão lúcidos e tão distorcidos ao mesmo tempo.

Luna me elogia: “Sora, como você tá linda hoje, hein”. Ela está me elogiando? Ela está debochando de mim? Por que ela disse isso? E se ela sente PENA de mim? Meu deus, por favor, ela não pode sentir pena de mim. Eu não quero ser a professora que os alunos tem pena.

Uma voz bem distante me diz para não pensar demais e só aceitar o elogio.

Figura 6 - Segurando os próprios pensamentos.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dia 10.
Culpa

Figura 7 - A culpa é azul e vermelha.



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

No começo, a planta não fazia ideia de que o fungo havia se instalado em suas raízes. Ela se sentia forte, bem nutrida e continuava a fazer fotossíntese como nunca. Com o passar do tempo, ela notou que alguma coisa estava diferente, mas não foi suficiente para que desse atenção. O fungo já estava irradiando suas hifas e colonizando novos tecidos da planta. Aos poucos e silenciosamente, ele foi infectando as folhas, o caule e as raízes da planta por completo. Ele se alimentava dela e ficava cada vez mais forte e resistente. Enquanto ela se sentia mais fraca. A planta percebeu que tinha algo errado, ela estava mais pesada do que nunca. Por mais que ela se esforçasse em fazer a melhor fotossíntese possível, continuava se

sentindo insuficiente. Isso porque ela não estava alimentando somente a si, agora o fungo era parte dela também. Chegou um ponto em que havia mais fungo do que planta. Ela olhou para si e não se reconheceu. Não sabia como aquilo tinha acontecido, mas aquele corpo não era seu, era de um parasita. Não haviam mais seus tecidos, nem suas folhas, nem suas raízes. Só havia sobrado os escleródios do fungo. Ela havia sido consumida pelo fungo parasita. Ele exauriu todas as suas reservas energéticas, todos seus recursos alimentares e destruiu suas defesas. A planta necrosou, morreu. O fungo procurou outro lar.

Esse dia chovia muito, muito mesmo. Meu ônibus atrasou, eu desci no meio do trajeto e sai correndo para chegar a tempo, mas ensopada, na aula. A turma estava agitada, a chuva com certeza muda o ambiente escolar. Eles ficam inquietos, os pequenos têm o recreio dentro da escola resultando em bastante barulho. Entreguei os textos da aula e pedi para que respondessem as perguntas sobre eles, elaborando um pequeno resumo sobre o que entenderam do texto. Poderia ser através de um desenho, de um texto, como achassem melhor. O polvo se reuniu com o desenhista e leram juntos os textos. Avisei que queria a atividade entregue, porque contaria como nota.

Mateus, Antônio e Saul não fizeram a atividade. Fui diversas vezes na mesa deles e pedi se eles precisavam de alguma ajuda ou algo assim. Mas estavam conversando. No final, eles não entregaram nada. Eu pedi como poderia adaptar melhor as aulas para que eles participassem mais. Eles responderam que só não estavam muito afim de fazer nada naquele dia. Antônio disse que gostava de fazer mais exercícios práticos, de cálculos.

De repente, Luna me chama:

- Prof, a gente pode conversar lá fora?
- Claro.

Vamos para fora da sala e ela desabafa enquanto chora:

- Eu *to* tendo uma crise de ansiedade. Eu fiquei nervosa com a avaliação. A professora de português recém fez uma prova. Eu *to* muito mal. Eu não vou conseguir fazer essa avaliação, não vai dar!

Ela continua a chorar e tenta respirar ao mesmo tempo. Eu respondo:

- Sinto muito que isso esteja acontecendo. Ter uma crise de ansiedade é difícil mesmo, mas vai passar. Não tem problema se tu não conseguir terminar o trabalho hoje, o objetivo da avaliação não é te deixar mal. Tenta fazer o que tu conseguir, mas é mais importante que tu fique bem.

Abraço Luna, ela me agradece e disse que entende. Em seguida ela vai lavar seu rosto no banheiro. Quando volta pra sala parece mais tranquila do que anteriormente.

Saio da escola com aquela sensação de peso: a culpa. Eu não fiz o meu melhor, a avaliação que eu propus desencadeou uma crise de ansiedade em Luna, a culpa é minha pelo seu sofrimento. Será que eu deveria ter agido diferente? O que se faz quando uma aluna tem crise de ansiedade? Fico lembrando o que eu falei naquele momento de consolo. Não parece que eu disse algo errado, mas por que essa sensação de imensa culpa então?

Insuficiência. É isso que permanece como lembrança do que passou.

A culpa corrói de dentro pra fora. Ela precisa ser expurgada antes de destruir a alegria de estar em sala de aula. Isso pode acontecer porque a culpa se aloja silenciosamente na mente e consome aos poucos as memórias boas que se tem. Fica difícil lembrar o que aconteceu de positivo na aula que Luna teve uma crise de ansiedade. Porque a culpa é maior do que tudo, é a maior lembrança desse dia, tem um peso superior a qualquer assertividade conquistada. Ela cria uma grande distorção sobre o que realmente se deu. Mas eu não causei uma crise de ansiedade em Luna. Eu me senti imponente ao vê-la tão abalada em minha frente.

Em diversos momentos essa sensação permaneceu: de que diante daqueles sujeitos tão diversos, com necessidades tão diferentes, eu era apenas uma minúscula borboletinha. Devo falar sobre átomos, relacionar com o cotidiano e também proporcionar que aquelas pessoas se sintam acolhidas. Em vários momentos me senti insegura com essa tarefa.

A crise na educação muitas vezes é personificada na imagem do professor. Diferente da instituição escolar, o professor tem nome e rosto. Então, muitos dos problemas da escola são jogados como responsabilidade do docente. A dissertação da Valéria Silveira que li outro dia fala justamente sobre isso: a terceirização de responsabilidades. O professor é culpabilizado nas mídias, nos espaços sociais e na

comunidade por uma crise da qual ele também é vítima. Assim, o docente fica sozinho com uma sobrecarga de tarefas que não deveriam ser apenas sua.

Existe uma estrutura escolar a qual o professor faz parte. Pensar nos docentes como centrais na crise educacional, ignorando os papéis institucionais e sociais envolvidos, é um grande equívoco. O adoecimento, culpa e frustração dessa classe são consequências da sua invisibilização.

“Mas quem é professor é porque tem vocação, escolheu essa profissão por amor”.

Seria essa uma justificativa para que não se desse salários dignos aos professores? E para que estes se sentissem culpados em lutar por condições dignas de trabalho?

Sentir culpa é saudável porque pode indicar que agimos contra nossa moral ou ética. É um lembrete de não repetir uma atitude que nos parece errada. Entretanto, sentir culpa demais e deixá-la invadir todo nosso ser, pode ser fatal.

A culpa é minha, a culpa é tua, a culpa é nossa.

A culpa manipula.

A minha culpa é a mistura do azul e vermelho: é roxa.

Dia 11.

Eu matei o planejamento de aulas

Venho através do presente documento, manifestar o luto pelo falecimento do meu planejamento de aulas idealizado. Ele nasceu no dia 10 de abril de 2019, na cidade de Porto Alegre, em um belo dia de sol. Criado com muito amor e idealização, o planejamento de aulas foi crescendo, ficando mais complexo. Ele era lindo! Todos que tiveram contato com ele, falam da sua beleza incontestável, referencial teórico bem estruturado e seus outros atributos únicos. No primeiro dia do estágio, ele falava sobre a professora dar a melhor aula da sua vida e dos alunos também. O planejamento de aulas contava sobre levar os estudantes ao museu da PUCRS, fazer vários experimentos no laboratório de ciências e (por que não?) uma pequena ida ao Parque da Redenção.

Coitado, ele não estava muito bem. Bonito por fora, explodindo por dentro. Cheio de atividades, o planejamento foi ficando doente e insustentável. Não havia espaço nele para mais ideias. Nas primeiras semanas de aula ele já percebeu o fim que teria: seria assassinado de vez pela própria autora.

Na quarta semana do estágio, em um momento de coerência com a realidade, eu mesma matei meu planejamento de aulas. Estou de luto pela morte do melhor estágio já planejado por mim. Infelizmente, ele não sobreviveu e só aconteceu na minha idealização. Olhando pelo lado bom, eu fiz dois estágios: um idealizado, outro aprovado pela Secretaria da Educação.

Dia 12.

Frustração

Figura 8 - Transbordando frustração



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A turma está agitada. Alguns conversam, outros estão discutindo. Estou escrevendo no quadro, quando me viro a cena acontece:

Corvínea arranca o caderno de Luiz e atira o objeto pela janela.

Corvínea arranca o caderno de Luiz e joga o caderno do colega pela janela.

Levo um tempo para assimilar a situação. Baita respeito mútuo, né?

O QUE EU FAÇO? Isso foi grave. Isso foi grave?

Preciso tomar medidas. E se eu for dura demais?

Mas ela JOGOU O CADERNO DO COLEGA!

Tenho que fazer algo. E SE EU NÃO FOR ASSERTIVA?

Me dirijo a Corvínea e falo com a voz firme:

“Por que você fez isso Corvínea? Por que você atirou o caderno do colega?”

Ela fica nervosa e começa a explicar, quase gritando.

Eu falo: “Isso foi muito desrespeitoso, com o colega e comigo”.

Meu rosto expressa minha insatisfação.

Ela pede desculpas. O colega pergunta se pode buscar seu caderno, respondo que sim.

A aula continua.

A frustração chega. Não sabia o que fazer. Não sei se fui permissiva demais ou o oposto disso. Saio da aula me sentindo frustrada com a professora que fui. Mas, principalmente por não saber a atitude certa naquela hora. O comportamento de Corvínea também me deixou frustrada. Consigo ter empatia pela aluna, o difícil é ter a mesma empatia comigo.

Um estágio sem frustração é possível? Acho que não, a frustração faz parte do aprendizado. É um sinal de que algo saiu diferente do previsto. Pode indicar a necessidade de um ajuste na nossa expectativa ou na conduta a ser tomada em uma situação. O ambiente escolar pode ser imprevisível, principalmente para o professor estagiário. E quem não é meio idealista quando começa a dar aula? Eu sou. Eu fui. “Vou dar a-melhor-aula-já-vista-sobre-esse-assunto”.

E surge um sonho: eu sei é um sonho, porém ainda espero que a realidade seja próxima do imaginado. Entro na sala, explico o conteúdo da forma mais didática e contextualizada possível. Os alunos se interessam pelo assunto, contribuindo com seus pontos de vista. A aula flui, eles demonstram respeito uns pelos outros (me incluindo). Eu aprendo com eles, eles aprendem comigo. Discutimos e todos tem espaço e voz garantidos. Eu não preciso ser autoritária. Todos estão confortáveis. Nenhum conflito precisa ser resolvido.

Reler isso me dá vontade de rir: “nenhum conflito precisa ser resolvido”. E tem escola sem conflito? A que custo? Às vezes o sonho não está tão distante do que acontece em algumas aulas. O surpreendente é: nem sempre é tão perfeito quanto a gente imagina. Os alunos podem propiciar situações bem diferentes do que idealizamos. É frustrante porque podemos ficar sem reação diante do desconhecido. “O aluno me desrespeitou e agora?”. Ignorar o acontecido significa que o comportamento foi aceito. Repreender duramente o aluno pode mudar para sempre minha relação com ele e a turma. O que fazer? O que fazer? Já se passaram dois minutos e eu não fiz nada.

Se eu dissesse “só tive uma frustração no estágio”, pode ter certeza que: eu estou mentindo, ou minhas expectativas eram extremamente baixas ou eu não aprendi muita coisa. O que faz minha aula idealizada estar tão distante da realidade escolar é ela ser uma invenção minha. Eu espero algo confortável para a minha

prática docente. Mas e os outros vinte sujeitos que estão ali comigo? Será que esse também é o ideal deles? Preciso ajustar minhas expectativas a cada dia que passa, para que elas sejam justas comigo e com meus alunos.

Em algumas aulas eu notava a frustração dos alunos se manifestando. Mais da metade da turma estava repetindo o 9º ano. “Eu já vi isso ano passado, a gente vai ver de novo agora?” - é um comentário que surgia com frequência. Corvínea expressava sua insatisfação em ver os conteúdos que ela já conhecia. A professora titular de ciências contou que Luiz estava muito empolgado no ano anterior com a sua formatura. Porém acabou reprovando. Ele assistiu a formatura dos colegas/amigos muito triste por não estar ali. Quando eu anuncio o tema da aula, Luiz, de vez em quando, fala: “ah eu lembro disso, mas não aprendi direto”. 20 sujeitos, 20 expectativas individuais, 20 possíveis frustrações singulares.

A minha frustração é um caminho para o aprendizado. Por mais que eu sinta raiva no momento da situação, depois eu percebo novas estratégias para o futuro. É um alerta para refletir sobre as expectativas próprias e as práticas adotadas. Não tem como sempre ser adequada, porque ainda estou no processo de aprendizado. Estou me esforçando para aprender com os alunos e situações que surgem no estágio. Cada vez mais me sinto preparada para lidar com o inesperado, seja ele bom, seja desconfortável.

Figura 9 - O inesperado já aconteceu.



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Dia 13

Nos primeiros dias do estágio eu não suportava o ambiente escolar. As grades, a desorganização e principalmente a agressividade no tratamento com o outro me deixavam furiosa. Os dias se passaram, noto agora uma mudança em meu corpo. Ainda não tenho um exoesqueleto tal qual todos na escola. Tenho algo diferente, está crescendo em mim uma força e não sei exatamente de onde vem. Uma certeza possuo: diferente do exoesqueleto que sua força consiste em isolar o indivíduo do ambiente externo, a minha força vem de dentro. Eu piso no chão da escola e não sinto medo. Eu sinto confiança. Coisas ruins podem acontecer, inesperadas situações podem surgir, mas eu sou forte e meus alunos me tornam mais forte ainda. Juntos nós podemos crescer.

Eu tentei resistir no começo, fiquei com medo. Estar vulnerável é desconfortável. “Eu não estou totalmente vulnerável”, percebi depois de um tempo. Aos poucos, me libertei de alguns medos. O temor de ser ridicularizada, de sentirem pena de mim, de me acharem uma professora incompetente. Quanto mais eu me aproximava dos estudantes, maior a confiança na minha identidade docente. As críticas recebidas não me afetam tão negativamente: eram conselhos sinceros, pontos de vista de outros sujeitos. Comecei a criar laços com cada um dos alunos. Alguns foram mais fáceis, quase imediatos. Outros, levaram mais tempo. Não importa, eu desejo a todos eles o melhor. Eles também desejam o melhor para mim, eu sei que sim. É uma felicidade estar em sala de aula. É uma alegria dar aula. Nunca sei o que vai acontecer, todo dia é uma nova surpresa.

O estágio é curto. Logo, logo acabará. E aí? Ficar vulnerável e em breve se despedir? Nunca acreditei quando meus professores diziam sentir saudades dos alunos. Porém, é verdade né? Como vou sentir falta. É um alívio saber que existe um dia pro estágio acabar e ao mesmo tempo já é nostálgico.

Estou mudando, estou transmutando, é um curto tempo de mudanças.

Dia 14

A ressurreição do planejamento

Jesus levou três dias para se levantar dentre os mortos. Meu planejamento de aulas demorou o mesmo tempo para ser ressuscitado. Pensei, pensei, pensei. A pergunta a ser respondida foi: “para quem eu estou escrevendo esse plano?”. Claro, era para meus alunos. Quem são, então, meus alunos? Será que é neles que penso quando imagino a aula seguinte? São as necessidades deles, as potências deles que estão sendo consideradas?

Nem sempre. O livro didático me dá um caminho sobre como posso abordar o tema das aulas. Ensinarei a teoria atômica a partir da descobertas dos modelos sob um ponto de vista eurocêntrico, onde um único homem branco sempre é o responsável pelos avanços científicos? Sozinhos, eles fazem as grandes descobertas sobre o universo. Que conceito de ciência é esse? Individualista e colonialista?

Olho atentamente para o livro didático. Onde estão as mulheres? Onde estão as pessoas de outras etnias? Paro um pouco. Lembro do que Grada Kilomba disse sobre racismo e branquitude. Considerar pessoas brancas como a norma e ver as pessoas de outras etnias como diferentes, como “as outras”, é um processo de discriminação racial.

De quem é a história representada nas mídias? “Quem vive onde? Quem é protegida/o e quem não é?”, questiona Grada. O racismo é a supremacia branca. É a combinação do poder com o preconceito. O racismo estrutural perpetua a exclusão de pessoas negras das estruturas sociais e políticas. Enquanto isso, pessoas brancas são continuamente privilegiadas. O livro didático não escapa do racismo estrutural. Porque a ciência também foi construída nessa estrutura de poder. O discurso científico que se autointitulava neutro, privilegiava homens brancos e excluindo os demais. Contudo, como Grada mesmo diz, o discurso dos cientistas não era objetivo nem neutro, eles apenas ocupavam uma posição de poder.

Reflijo sobre como abordar essa questão no meu planejamento. Eu sou branca, eu sou mulher cis, eu sou lésbica. E meus alunos? Quem são eles? Uma certeza eu tenho: nem todos se identificam com a imagem de cientista do livro

didático. Vou trazer exemplos de cientistas contemplando a diversidade de gênero e étnica. Ensinar ciência como se ela fosse neutra é reproduzir um discurso que privilegia alguns e exclui outros. As grandes descobertas científicas não são obras da genialidade de apenas uma pessoa, é um trabalho coletivo. Minhas aulas vão questionar a ciência.

Minha prioridade nos meus planejamentos a partir de hoje será:

- Preparar as aulas pensando na turma com sujeitos diversos. Ter espaços e momentos para que os alunos tenham voz em sala de aula. Todos eles. Para um ter voz, o silêncio dos demais é necessário.
- Questionar o ponto de vista que estou adotando para falar do assunto.
- Pensar: se eu precisar intervir nessa aula, como o farei?
- Preparar as aulas lembrando do sujeito que eu sou e de onde eu estou falando.
- Autocompaixão. Não vou acertar sempre. Quando errar, saber pedir desculpas.
- Como essa aula melhora o vínculo entre todos nós?
- Mesclar os assuntos que devo abordar com os interesses dos alunos.

Depois de três dias, uma pasta azul se abre e o planejamento reaparece. Ele foi ressuscitado. Diferente de quando foi assassinado, ele está mais simples, mais arejado. O planejamento não se importará em ser rabiscado ou morto novamente. A cada ressurreição, ele fica melhor.

Dia 15.

Amor

O dia mais feliz da minha vida é quando violeta desaparece

Figura 10 - Amar é crescer junto

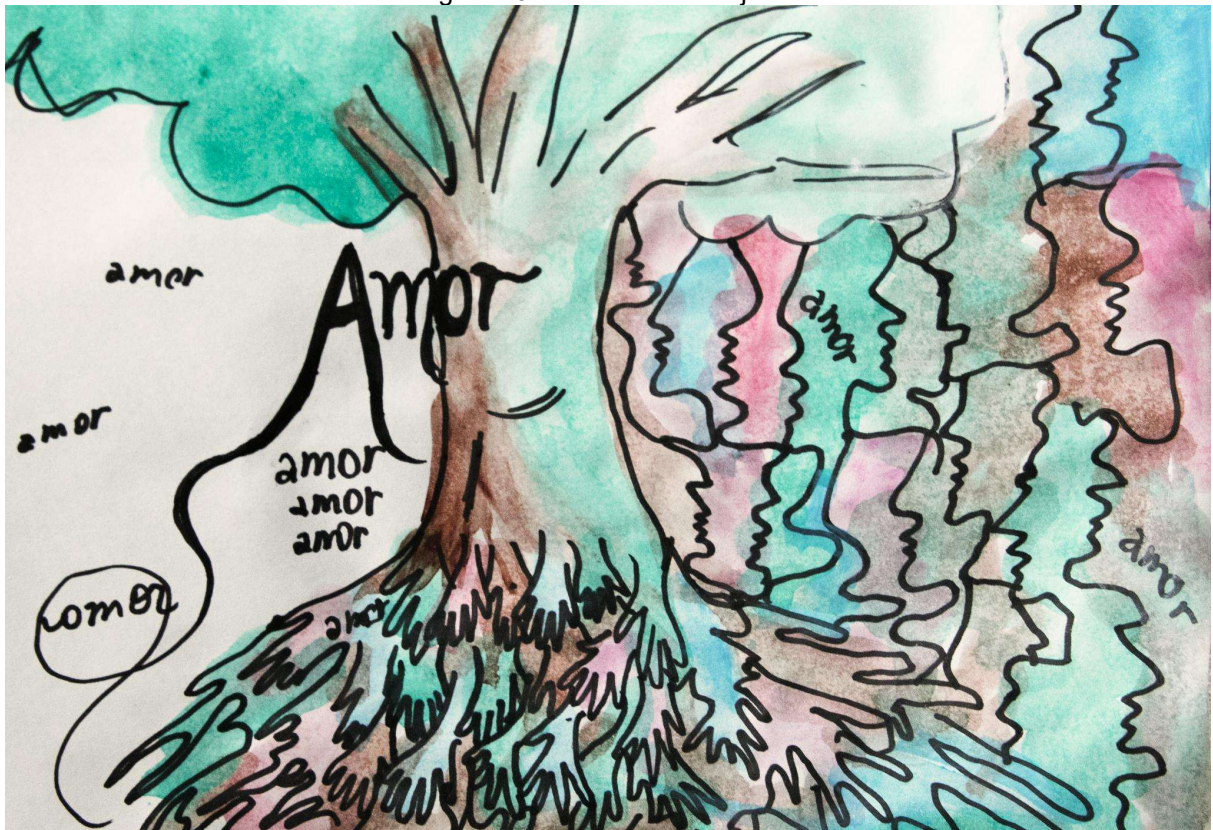


Figura - Elaborado pela autora (2019)

“Bom dia, queridos. Hoje temos um período e eu tenho uma notícia boa e uma ruim para vocês.”

“Primeiro a ruim, então!” disse Corvínea.

“Nós não vamos para o laboratório de ciências conforme eu havia planejado. A notícia boa é: vai ter magia na aula”.

“Como assim? Mas de que jeito? Tu nem trouxe nada pra aula, *sora?*”, retruca Nicolas.

Todos me olham fixamente, curiosos com a proposta. Começo a tirar diversos objetos de dentro da minha mochila, tal qual o mágico tira de sua cartola. Sai um frasco de vinagre, alguns copos, colheres, água e o necessário para o experimento do dia. Organizamos a sala para que todos possam ver o que vai ser demonstrado.

Os estudantes ficam sentados em cima das classes ao redor da mesa central. Observo Polvo e ele permanece sentado na cadeira, porém virado para olhar o que vai acontecer. Girassol bloqueia o campo de visão de Polvo, eu alerto ele e gentilmente aviso Polvo sobre o experimento para ele prestar atenção pois será lindo.

O primeiro passo é dado, misturando em um copo água e permanganato de potássio. Antes de dissolver o comprimido roxo na água, questiono o que eles imaginam que vá acontecer. Vários palpites surgem. Quando a água se torna roxa, os alunos se espantam. Corvínea e Saul tentam adivinhar o resultado da adição de vinagre na solução.

“Vai ficar fazer bolhas”, diz Corvínea.

“Vai separar o roxo”, discorda Saul.

Mas nenhum dos dois acerta: a mistura acaba permanecendo roxa. O último ingrediente vai ser adicionado. Luna está filmando em seu celular desde o início da atividade. Polvo olha de forma atenta para o copo. Eu adiciono água oxigenada e magia finalmente se materializa! A água roxa forma diversas bolhas, fica rosa, borbulha até extravasar o copo e após alguns segundos se torna transparente. Olho ao meu redor: todos estão eufóricos. Quando viro para o lado vejo algo que me transforma inteira. Sou a mesma de antes mas também Outra. O roxo dentro de mim desaparece e fica transparente.

Polvo está olhando pra mim.

Polvo está sorrindo.

Polvo se levanta da cadeira e senta em cima da mesa.

Polvo se junta a nós.

Polvo está balançando as pernas no ar e rindo.

Eu continuo a magia. Dissolvo outro comprimido na água, contudo não coloco vinagre e sim a água oxigenada. Os estudantes estão agitados: acham que a reação vai ocorrer da mesma forma. A água não fica transparente e sim marrom! Luna e Cecília questionam: “Por que isso acontece? Qual a explicação?”. A resposta mais curta é: dependendo de como os átomos estão organizados, eles podem ter cores diferentes. As reações feitas na aula reorganizavam os átomos e formavam íons e cátions.

Expliquei cada parte do experimento com plaquinhas mostrando as fórmulas químicas e como elas mudaram. Já havia batido o sinal para o recreio fazia cinco minutos, ninguém havia notado e os estudantes continuavam querendo saber mais. Polvo continuava prestando atenção. Combinamos na próxima aula de continuar o assunto. Vários alunos estavam radiantes. Meu desejo era ver eles sempre assim: felizes, empolgados e conversando.

Cecília e Luna me abraçaram no final da aula e disseram “*Sora*, tu é diferente das outras professoras. Parece que tu tá feliz de estar aqui, parece que tu gosta de dar aula pra nós”. Respondi que sim: eu estava muito feliz em estar com essa turma e realizada por ser a professora deles.

Amor. Eu estava sentindo amor ao redor e dentro de mim.

Saí da escola sem conseguir parar de sorrir. Eu lembrava do envolvimento de cada aluno na atividade e o riso aparecia. Polvo se levantou da classe e riu. Ele estava naquela aula, ele estava presente!

O amor que senti me motivou para as aulas seguintes. Mais do que isso, essa lembrança me ajuda a ter mais confiança na minha imagem como docente. Eu sou uma professora, gosto de ser professora e os alunos percebem isso. Tudo bem se mesmo me esforçando eu não conseguir ser assertiva sempre. O amor perdoad, se nós reconhecermos nossos erros. É como Paulo Freire disse: ensinar é um reaprender sem fim.

Dia 16
A Prova

Hoje é dia de prova. Vamos provar o quê?

Sentado na cadeira, o aluno está nervoso. Hoje é dia de prova. A professora entra, pede ordem e silêncio. Depois de organizar a sala e entregar as provas, ela lê a prova com todos. O aluno treme. “Eu não sei nada”, pensa ele. O lápis começa a escorregar da sua mão, é a ação do suor. Quando começa a ler as questões, o aluno não entende nada. “Eu não sei nem mais ler? O que está se passando?” – se questiona desesperado.

Em todas as aulas o aluno prestou atenção e copiou as tarefas do quadro. Ele havia estudado na véspera da prova. Ele deveria saber como responder as perguntas daquela prova. Mas nem ler ele conseguia. Tudo parecia borrado na sua visão. Aos poucos ele se acalma.

“Marque a, b, c ou d”, diz o enunciado da quarta questão. Escolher entre as alternativas parece um jogo de adivinhação. Ele deveria saber a resposta correta, porém as palavras confundem seu raciocínio. “Nunca”, “sempre”. E dá pra dizer algo sempre ou nunca é alguma coisa? “Alguém me ajuda”, ele clama. O tempo passa muito rápido. A sua cabeça parece ser inimiga para terminar a prova. O aluno não consegue ter certeza de nada: “e se for um pega ratão? e se eu entendi o contrário do que era pra ser?”. Sem tempo, com as mãos suadas, ele agarra a caneta e marca as respostas rapidamente. Certo ou não, precisa terminar essa prova. O período termina, a professora recolhe as provas. Acabou enfim a avaliação.

O aluno tem certeza que não aprendeu muito nas aulas, se não teria conseguido resolver essa prova, não é? Ciências não era com ele mesmo.

Hoje é dia de prova. Eu tinha medo desse método avaliativo. “Melhor mesmo é fazer vários trabalhos”, pensava. Conversei com minha orientadora e ela me apresentou outras posturas para uma avaliação. “Por que tu não faz uma prova sobre as aulas?” disse ela. É claro, me parece justo: vou avaliar o que eles viram durante nossos encontros. Elaborei uma prova com imagens e enunciados bem objetivos de acordo com as dicas da psicopedagoga. Uma das questões era para desenhar o experimento do Dia 18, explicando o que aconteceu nele. Utilizei

recursos diferentes em cada questão, desde cruzadinhas até a elaboração de uma pergunta do interesse do aluno. O Polvo sempre fazia as provas na sala de recursos. Ele poderia fazer minha prova na sala de aula, porque tentei adaptá-la a ele. Mas naquela semana, faleceu uma pessoa muito próxima a Polvo. Ele não apareceu na aula anterior, me avisaram que ele não apareceria hoje também. Quando entrei na sala de aula, noto a agitação dos alunos, vejo Polvo na sua cadeira.

Aviso a turma sobre o objetivo da prova: ver se as aulas funcionaram, se eles conseguiram se envolver nos temas abordados, mas não era para testá-los. Entreguei as provas, li com eles. Me dirigi a Polvo. Falei para ele que sentia muito pelo acontecimento da semana. Complementei “Entendo se tu não estiver se sentindo bem e preferir fazer essa prova outro dia na sala de recursos”. Polvo concordou, lhe entreguei a prova e expliquei as questões. Ele acabou não fazendo a prova naquele dia. Achei que seria justo deixar ele escolher fazer ou não a avaliação.

Recolhi as provas, todos terminaram a tempo.

Já corriji todas as avaliações. Os alunos foram muito bem! Vários tiraram a nota máxima, ninguém tirou uma nota muito baixa. A média das provas ficou bem alta. Começo a ficar desconfiada: será que isso tá certo? Eles iam tão mal em ciências. Será que subestimei o conhecimento deles? Fiz uma prova fácil demais?

Escrevo nas provas “Muito bem!”, “Arrasou!” e coloco adesivos de Lhamas para parabenizar os estudantes. Estou apaixonada pelos desenhos representando o dia do experimento. Girassol é muito dramático em seu desenho. Nicolas faz uma representação mais esquemática.

Em uma das questões, Alberto fala muito bem sobre os impactos sociais que o acidente radioativo em Goiânia teve na vida das pessoas. Conta sobre o estigma experimentado por quem morava na região. Fico comovida em ver as várias interpretações dos alunos sobre as aulas.

Todos foram bem na prova.

Estou orgulhosa, deles, de mim.

Dia 17.

Querido V,

Ontem eu lembrei de ti durante a aula. Então resolvi escrever essa carta e te contar das novidades. Eu estou quase me formando em biologia, vou ser professora. Quer dizer, já sou, né? Estou fazendo meu estágio em ciências. Não sei ainda o que vou fazer depois que me formar, me dá medo e ansiedade pensar nisso. Já cansei da graduação, porém não sei como é não estar nela. Sei lá, né. Vamos ver. Eu quero muito ser professora, dar aula em escola pública. Meu maior temor é que a profissão ao longo dos anos consuma minha vontade de estar em sala de aula e eu seja uma professora medíocre. Eu não quero ser medíocre.

Meu professor perguntou na aula de ontem, porque escolhemos estudar biologia. Eu demorei pra responder, porque queria contar, mas talvez fosse chorar na frente de todo mundo. Acho que tu deve estar surpreso em descobrir que escolhi esse curso. Assim como expliquei para a turma, a verdade é que eu sempre achei o mundo um lugar muito fragmentado, não conseguia encaixar as peças para que ele fizesse sentido. Quando era criança, eu olhava para uma árvore e eu não entendia o que era essa árvore. Por que ela existia? Qual era o sentido de ela estar ali? Eu sinto muito V., mas a resposta “foi Jeová que a criou” não era a minha resposta. Eu queria entender como ela funcionava, qual era o objetivo dela, o que fazia uma árvore ser uma árvore. Quando eu via um inseto morrer, eu sentia profunda agonia em sentir aquela gosma saindo dele. Ele estava morto, mas ele era diferente de mim? Por quê?

Quando eu entrei na biologia, estudei as árvores, os insetos e os ecossistemas. Não sei descrever como foi incrível dar um novo sentido a todas essas existências, a vida e a morte. Percebi a interligação dos seres vivos com o lugar onde estão. A árvore é feita de xilema, floema, câmbio, clorofila e um monte de outras coisas. Existe uma história evolutiva de como aquele tipo de árvore veio parar ali e porque permaneceu nesse lugar. Ela também é cheia de outros significados que não tem a ver com a composição orgânica dela e isso eu também aprendi. Como aquele pé de bergamota na casa da vó, quando eu lembro dele, lembro de ti. Os afetos dão sentido às outras existências que vivem ao nosso redor e deu para a

minha também.

Eu sei que hoje aquela árvore não existe mais. Provavelmente deu lugar para uma plantação de soja, pelas últimas notícias que tive dela. Só que recordar da gente colhendo bergamota no meio do mato, ainda me deixa feliz. Essa memória me motiva a mobilizar pela preservação e educação ambiental, a ser uma professora que sensibilize os estudantes para assuntos que lhes façam sentido. Quero ir além da contextualização dos conteúdos, pretendo dar o necessário aos alunos para que eles construam seus saberes com autonomia.

Esses são os meus motivos. Uma parte deles, eu contei para meus colegas e professor durante a aula. Não chorei enquanto falava. Meu professor sim. Ele disse que tinha uma história parecida e compartilhou o que o levou até o curso. Me contive para chorar, porque eu sabia que não ia mais conseguir parar quando começasse. Peguei o ônibus pra casa e ao longo trajeto do T8, campus do vale até parada da Goethe, coloquei para fora tudo o que estava embrulhado. Muitas lágrimas de alegria, tristeza e saudade rolavam dos meus olhos. Eu lembrava de ti. Eu acho que foi a primeira vez que eu consegui chorar porque estava com saudades tuas.

Eu sinto muito orgulho da minha trajetória como estudante de ciências biológicas. Muitas perguntas foram respondidas no meio do caminho e muito sentido foi dado ao que vivi e ao que estou vivendo. Tenho inúmeras perguntas novas para responder. Mas essa é a vida né? Só queria que tu soubesse que tu faz parte disso tudo, só talvez não do jeito que tu esperava. Eu vou ser professora, eu sou professora. Fico triste que tu não esteja aqui para ver.

Com saudades,

PP.

Dia 18.

Drogas, tô fora!

Meu grande amigo Paulo Freire dizia que o medo do difícil não deve nos paralisar. Estudar não é fácil, exige paciência, um certo sofrimento para depois vir a alegria da compreensão. Ele aconselha os professores a não desistir quando o primeiro obstáculo surgir no caminho. Persistir estudando mesmo quando o assunto é distante da nossa realidade é uma atitude para vencer o medo do difícil.

Falei em uma das aulas da semana passada sobre o término do estágio. Deixei para os alunos escolherem o assunto do encerramento. Eles insistiram no tema “maconha e outras drogas”. Surgiu a oportunidade de eu preparar uma aula normalmente evitada. É um tópico difícil, delicado. Os estudantes têm idades variando entre 14 e 19 anos. Quais são as experiências deles com psicoativos/psicotrópicos? Não sei. Mas eles estavam curiosos, queriam falar sobre o tema. Como proceder então?

ESTUDEI. Muito. Antes de entender como as drogas atuam no corpo humano, estudei a abordagem a ser usada. Novamente noto o conceito da falsa neutralidade muito presente no discurso acadêmico: falar sobre drogas é explicar somente os efeitos físicos que elas causam? Qual é a minha opinião sobre o tema? Estudei justamente para entender se o direcionamento do assunto era por um viés pessoal. Decidi a abordagem após ler manuais específicos para professores que darão aulas sobre drogas. Além da fisiologia dos psicoativos/psicotrópicos, falaria sobre redução de danos. Considero importante que os estudantes saibam dos efeitos e riscos dessas substâncias e saibam se proteger dos riscos oferecidos. Pesquisei as perguntas feitas via bilhetes anônimos na aula passada. Como eu sabia pouco.

Tenho orgulho do encontro vivido nesse dia. Dei ênfase sobre como a mistura de substâncias psicoativas/psicotrópicas pode ser fatal. Também mencionei os grupos de risco no uso das substâncias: pessoas com ansiedade, depressão e transtornos de humor. Comecei explicando os efeitos fisiológicos do café, uma bebida usada no cotidiano. Utilizei recursos lúdicos e a participação foi geral. Uma

das perguntas anônimas era sobre a mistura de duas substâncias que juntas são perigosas (podem levar a um coma). Quando respondi a pergunta durante a aula, percebi que uns dos estudantes pretendia misturar elas e por isso havia feito a pergunta. “Ih, então não dá pra fazer como meu amigo disse pra fazer”. O estudante em questão era maior de idade, mas poderia colocar sua vida em risco. E se eu só tivesse dito: não usem drogas? será que também teria tido esse efeito?

Eu senti a confiança dos alunos sendo depositada em mim. Eles falaram sobre suas inseguranças comigo. Questionei eles a respeito do porquê as pessoas usam essas substâncias.

“Eu me sinto pressionado o tempo todo, prof. Não só a fumar ou beber, mas eu tenho vergonha de nunca ter beijado, por exemplo.” disse Luiz.

Cecília concordou: “Ai, sora, eu sou tímida, eu tenho vergonha. É difícil ir nos lugares e ficar quieta. Também me sinto pressionada.”

A turma concordava com eles: há pressão dos outros adolescentes, nos lugares que eles vão, deles mesmos. Nara complementou: “Parece que todo mundo tá aproveitando muito e a gente não”. Embora a conversa tenha sido principalmente sobre drogas, surgiu uma abertura para se falar sobre inseguranças.

Finalizei comentando como a adolescência é uma época de transições, mudanças e realmente dá essa sensação de deslocamento. Pontuei sobre a importância deles terem amigos, pessoas com quem eles possam conversar e manter esse apoio mútuo. “É ruim, a maioria se sente inseguro no início da adolescência, só alguns conseguem disfarçar melhor, o que não quer dizer nada”, brinquei com eles.

Dia 19

A despedida

Já havia avisado sobre minha última aula. Estou feliz por concluir esse ciclo. Foi como um rito de passagem e estou aqui, já olhando para trás com saudade. Como o vínculo em sala de aula se cria tão rápido? Eu nem sabia que era possível.

Termino a aula sobre substâncias psicoativas/psicotrópicas. Anuncio: agora é o momento da nossa comemoração de despedida. As despedidas também podem ser celebrações do que ficou né?

De repente, os alunos tiram de suas mochilas bolos, salgadinhos, sucos e refrigerantes.

“Prof, tu é intolerante a lactose né? A gente fez bolo sem leite tá?”

Me derreto toda quando escuto isso. Eu havia falado uma vez sobre ser intolerante a lactose e eles lembraram?

Começa a organização das mesas, eu coloco minhas comidinhas junto com o que os alunos trouxeram. Observo se Polvo está à vontade. Ele se levanta da mesa e fica junto com todos nós, se serve dos lanches e permanece de pé. É uma alegria ver Polvo tomando iniciativa em um momento tão especial. Encho meus olhos de lágrimas.

É hora do agradecimento. Dá um nervoso: é vontade de chorar, de abraçar, de tantas coisas diferentes.

Agradeço aos estudantes pela colaboração deles no estágio, principalmente a participação e respeito que eles demonstraram ao longo dos encontros. Enfatizo o quanto eu aprendi com eles: “vocês me ensinaram muito também!”. No final, eu começo a me emocionar e eles agradecem: “Prof, chora não, a gente te ama e tá muito feliz que tu foi nossa professora!”. Em seguida, me dão um abraço coletivo.

Os alunos fazem uma fila para me abraçarem individualmente. Para cada um deles dirijo um elogio sincero. No meio das despedidas, Polvo espontaneamente vem na minha direção e me abraça. É muita alegria que sinto! Eu digo para ele olhando em seus olhos: “Eu estou muito feliz em ter te conhecido! Obrigada!”.

A aula acabou. O estágio acabou.

Me despeço dos professores, do porteiro, da diretora.

Vou embora. Passo pelos portões da escola, caminhando em direção a rua. Olho para meu corpo transmutado. Ele é lindo! Eu amo a professora em que eu me transformo e a pessoa que continuamente vou me transformar. A alegria irradia todo meu corpo! Eu me sinto viva e forte. Como um amigo disse: “ser professor é descobrir coisas sobre ti mesmo que tu nem imaginava existir”. Eu tenho certeza que minha sensibilidade também é minha força. Espero continuar descobrindo novas forças em mim. Eu sou professora.

*“Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado
[...]
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”
AmarElo - Emicida*

Referências Bibliográficas do Diário:

Dia 4

CANDAU, Vera Maria Ferrão. ENSINAR-APRENDER: desafios atuais da profissão docente. Revista Cocar, n. 2, p. 298-318, 2017.

Dia 10

SILVEIRA, Valéria da Silva. “Eu sou escola!” temporalidades e tensões: o discurso docente e seus rumores. 2018.

Dia 14

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Dia 15 e 18

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

Considerações Finais

A escrita do diário íntimo foi um artifício para a transmutação docente. Revisitei o período do estágio através das minhas memórias e do relatório final entregue como avaliação dessa atividade. Reescrever a experiência que tive a partir de uma escrita de si permitiu que eu trouxesse aspectos mais pessoais para o trabalho. A transmutação da minha identidade docente ocorreu na aproximação e distanciamento do que vivi pela produção textual.

Inscrevi meus pensamentos, sentimentos e meu íntimo em cada dia do diário. Os sentimentos de frustração, amor e culpa surgiram como condutores do que foi vivido. A minha percepção sobre os três sentimentos também foi mudando ao longo do diário. Foram os afetos que me levaram a questionar a prática docente e constantemente transformá-la ao longo dos dias.

A frustração, embora normalmente seja vista como negativa, desempenhou seu papel no ajuste de expectativas. Meus ideais de aula passaram a incluir o outro também. Diante de situações desafiadoras, esse sentimento me obrigou a lembrar da “diferença entre o exercício legítimo da autoridade pelo professor e o autoritarismo” (DA ROSA, 2011, p. 302). O balanço entre ser permissiva demais ou autoritária é difícil para estagiários, principalmente porque estão acostumados com o modelo de aula da universidade, onde o conceito de autonomia é outro. (DA ROSA, 2011, p. 302). A frustração me motivou a fazer acordos com os alunos, a estudar mais e me esforçar para ser uma professora melhor.

A culpa surge inicialmente junto a um imprevisto em sala de aula. Uma estudante tem uma crise de ansiedade e me desperta a sensação de insuficiência. Além desse caso, a culpa aparece vinculada ao acúmulo de responsabilidades dada ao professor e falta de suporte institucional para que ele dê conta de tudo. O sentimento aparece em vários dias quando percebo que não consigo atender a todas demandas da turma, nem me sinto preparada para isso. A insegurança na escolha dos meus posicionamentos como sujeito professora também me levam a posterior sensação de culpa. No dia x, a ressurreição do planejamento, falo sobre a falsa neutralidade na ciência. Continuar a reproduzir o discurso de uma ciência feita somente por homens brancos heterossexuais não é ser neutra, é adotar um

posicionamento político racista e sexista (hooks, 2013, p. 53). Quando experimento outras metodologias para o ensino de ciências, indo no caminho oposto do que está no livro didático, ainda sinto insegurança por não saber o que esperar.

O amor é o afeto que produz empatia, “permite a aceitação do outro como legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2009, p. 22). Um grande inquietação tomou conta de mim durante as observações, conforme relatei no prólogo. Vários alunos não tinham sua presença legitimada no espaço escolar. Um estudante em particular, a quem chamo Polvo e possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, é invisibilizado tanto pelos colegas como pela própria instituição. Durante o período de estágio, pareceu-me que pouco foi feito para incluí-lo nas aulas e na turma. O amor que sinto pelos alunos me inspira a respeitá-los, a querer que todos sejam incluídos nos nossos encontros. Quando levo um experimento químico para sala de aula pensando na questão da inclusão, noto a alegria dos alunos. Polvo se levanta e sorri, se faz presente na aula. Receber o amor dos alunos mudou a percepção sobre minha identidade docente. Aos poucos notei como a força e confiança no meu trabalho aumentou ao passo que nossos laços cresceram. O amor perdoa, proporciona a autocompaixão, a empatia e me torna uma professora mais determinada.

A transmutação aconteceu justamente por eu falar como sujeito do trabalho. Eu sou esse trabalho, a mudança em cada um dia desses dias. Minha identidade como docente, aluna e indivíduo encontraram um lugar para se expressar. Através dos afetos tenho forças para continuar transmutando. Por me conhecer melhor consigo estar mais próxima da professora que desejo ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A RUA deserta. ["Porque se escreve". In "A Metáfora do Coração e outros escritos", Maria Zambrano]. 2010. Disponível em: <http://aruadeserta.blogspot.com/2010/09/porque-se-escreve-in-metafora-do.html>. Acesso em: 13 dez. 2019.

DA ROSA, Russel Teresinha Dutra; VEIT, Maria Helena Degani. Estágio docente: análise de interações sociais em sala de aula. Educação & Realidade, v. 36, n. 1, p. 295-316, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATURANA, Humberto R. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVEIRA, Valéria da Silva. "Eu sou escola!" temporalidades e tensões: o discurso docente e seus rumores. 2018.

ZABALZA, Miguel A. Diários de Aula: Um instrumento. Artmed Editora, 2009.